

RECIBIDO EL 14 DE ABRIL DE 2018 - ACEPTADO EL 18 DE MAYO DE 2018

# LA POTENCIA DEL HUMANO COMO PEDAGOGÍA DE LA LIBERACIÓN<sup>1</sup>

## A POTÊNCIA DO HUMANO COMO PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

## THE POWER OF THE HUMAN AS A PEDAGOGY OF LIBERATION

**Carlos Roberto Sabbi<sup>2</sup>**

Doutorando em Educação, Universidade de  
Caxias do Sul

### RESUMO

Nos últimos anos, todas as ações para diminuir as desigualdades não obtiveram êxito. Segundo o informe de OXFAM, entre 1980 a 2016, enquanto os 1% mais ricos ficaram com 27% do crescimento da renda global, a metade mais pobre do mundo ficou com 13%. A partir desse nível de desigualdade, a economia do planeta precisaria ser 175 vezes maior para permitir que todos ganhassem mais de 5 dólares (4 euros) por dia, concluiu a análise. Apesar de alguns êxitos localizados de alguns países, isso sintetiza o quadro de dramaticidade, pois

tudo quanto tem sido feito para seu combate, acabou sendo, de certo modo, inócuo, conforme os números globais comprovam. Nesse artigo, seguiu-se os preceitos da metodologia hermenêutica reconstrutiva de modo que, por meio de construções e reconstruções, e através de uma ampla pesquisa bibliográfica, se encontrasse os elementos que deveriam compor uma formação cognitiva mínima. Chegou-se a 10 elementos que se constitui no que se denominou de Potência do Humano, a qual configura essa potencialidade de enfrentamento. O domínio dessas 10 condições não é simples, mas se configura como a

necessidade básica para uma cidadania plena.

**Palavras-chave:** Autonomia; Desigualdade; Educação; Emancipação; Potência do Humano.

## RESUMEN

En los últimos años hemos constatado que todo lo que se ha hecho para disminuir las desigualdades, especialmente las económicas y sociales, no han tenido éxito. Según la OXFAM, entre 1980 a 2016, mientras que el 1% más rico se quedó con el 27% del crecimiento del ingreso global, la mitad más pobre del mundo se quedó con el 13%. Manteniendo la misma desigualdad, la economía global necesitaría ser 175 veces mayor para permitir que todos ganen más de 4 euros al día, concluyó el análisis. A pesar de algunos éxitos de algunos países, eso sintetiza el cuadro de dramaticidad, pues todo lo que se ha hecho para su combate, resultó inocuo, conforme los números globales comprueban. En este artículo, se siguieron los preceptos de la metodología hermenéutica reconstructiva de modo que, por medio de construcciones y reconstrucciones, por medio de una amplia investigación bibliográfica, se encontraran los elementos que debían componer una formación cognitiva mínima. Se llegó a 10 elementos que se constituye en lo que se denominó de Potencia del Humano, la cual configura esa potencialidad de enfrentamiento. El dominio de esas 10 condiciones no es simple, pero se configura como la necesidad básica para una ciudadanía plena.

**Palabras clave:** Autonomía; Desigualdad; Educación; Emancipación; Potencia de lo humano.

## ABSTRACT

It has been noticed that actions taken in recent years did not succeed to reduce inequalities, especially the economic and the social ones.

According to the OXFAM report, between 1980 and 2016, while the richest 1% accounted for 27% of global income growth, the poorest half of the world stood at 13%. From this level of inequality, global economy should be 175 times greater to allow everyone to earn more than U\$ 5 (€ 4.00) a day, the analysis concluded. Despite success achieved in some countries, this provides a picture of the drama, since everything done to tackle inequality has been somewhat insignificant, as global numbers prove. In this article, the precepts of the reconstructive hermeneutic methodology were followed so that by means of constructions and reconstructions, through an extensive bibliographical research, one could find the elements that should set a minimal cognitive formation. There were 10 elements that constitute what was called the Power of the Human, which configures this potential for confrontation. It is not simple to master these 10 components, but it is seen as a basic need for a full citizenship.

**Keywords:** Autonomy; Inequality; Education; Emancipation; Power of the Human.

## 1 INTRODUÇÃO

Observa-se um contexto onde o ser humano é um elemento permanentemente manipulado pelas forças estabelecidas, constituindo-se um cenário onde a distância entre os mais fracos e os mais poderosos é imensa, no qual poucos comandam a vida, sempre com a maioria se submetendo. Parece que a manipulação acontece, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, porém, esse é um detalhe que não interessará para esta pesquisa. O importante é sua presença e seus efeitos na vida das pessoas, já que, por isso, se tornam prisioneiras sem ao menos se dar conta dessas circunstâncias.

Muito se fala sobre justiça social, programas de redistribuição de riquezas, serviços públicos para atender demandas prioritárias e assim

por diante. Entretanto, os dados históricos são testemunhas de que esse conjunto de ações são totalmente ineficazes, ao menos é o que a Comissão de Combate à Fome de Oxford (OXFAM) tem demonstrado, ano após ano, de forma contínua e sistemática, como no relatório divulgado em Davos (Oxfam Brasil, 2017), o qual aponta para aumento da desigualdade extrema. Ele dá conta de que apenas oito homens possuem a mesma riqueza que os 3,6 bilhões de pessoas que compõem a metade mais pobre da humanidade. Não é só isso, o documento da OXFAM Brasil tem por título: “Uma economia humana para os 99%”. O mesmo **mostra que a diferença entre ricos e pobres cresce a cada nova edição do estudo, numa velocidade muito maior do que se previa inicialmente. Os 50% mais pobres da população mundial detêm menos de 0,25% da riqueza global líquida.** Nesse grupo, cerca de 3 bilhões de pessoas vivem abaixo da “linha ética de pobreza”, definida pela riqueza que permitiria que as pessoas tivessem uma expectativa de vida normal de pouco mais de 70 anos.

Portanto, o mundo vive em uma dicotomia, porém não em partes iguais. A desigualdade presente e crescente assusta qualquer analista social, mas a sociedade segue em frente sem encontrar soluções. Pior é se questionar o quanto se está fazendo para a busca das soluções, pois, sem se perscrutar, não há como se obter saída.

Desse modo, buscou-se por horizontes que poderiam contribuir para uma melhoria desse quadro, inspirado, nesse artigo, principalmente em Aristóteles, Freire, Gleiser, Goleman, Goswami, Kant, Habermas e Herrán Gascón, os quais, juntamente com outros autores, nos entregarão fundamentos norteadores dessa investigação. Trata-se de uma busca por elementos imprescindíveis que possam proporcionar uma condição, a partir de potencialidades cognitivas mínimas, para o

enfrentamento da vida, o que aqui denominar-se-á de uma “Potência do Humano”.

## 2 MOTIVAÇÕES PARA O TEMA DA PESQUISA

Um dos aspectos mais impressionantes do discurso da OXFAM é de que tem havido crescimento econômico, mais precisamente no rendimento das pessoas, mas, ao mesmo tempo, o distanciamento entre pobres e ricos continua aumentando. Há um crescimento 182 vezes maior, por parte dos 10% mais ricos, em relação aos 10% mais pobres, entre os anos de 1988 e 2011, o que até poderia ser aceito, ou ao menos tolerado, caso não existisse um fosso tão brutal de concentração de riqueza entre uma minoria que domina e uma maioria oprimida, e se a dignidade da cidadania dos 10% mais pobres não fosse um escândalo e uma vergonha da humanidade.

A respeito dessa reflexão, o documento ainda destaca:

Os números da desigualdade foram extraídos do documento *Credit Suisse Wealth Report 2016*. **Segundo a organização, 1 em cada 10 pessoas no mundo sobrevive com menos de US \$ 2 por dia. No outro extremo, a ONG prevê que o mundo produzirá seu primeiro trilhário em apenas 25 anos. Sozinho, esse indivíduo deterá uma fortuna tão alta que, se ele quisesse que gastá-la, seria necessário consumir US\$ 1 milhão todos os dias, por 2.738 anos, para acabar com tamanha quantia em dinheiro. O discurso da Oxfam em Davos também mostrou que 7 de cada 10 pessoas vivem em países cuja taxa de desigualdade aumentou nos últimos 30 anos (Oxfam Brasil, 2017).**

Esse mesmo relatório enfatiza a condição das mulheres que, muitas vezes empregadas em funções com menores salários, assumem uma quantidade desproporcional de afazeres em

relação à remuneração auferida. O relatório apresentado no Fórum Econômico Mundial (2016) destaca aspectos relacionados às dessemelhanças de gênero e estima que serão imperativos 170 anos, aproximadamente, para que as mulheres ganhem salários análogos aos dos homens. De acordo com o documento, “as mulheres ganham de 31 a 75% menos do que os homens no mundo” (Oxfam Brasil, 2017).

Não fosse o quadro dramático da pobreza, pouco se teria para questionar sobre a riqueza concentrada em poucas pessoas, já que, teoricamente, ao menos, ela decorre do mérito e do trabalho, dentro de uma visão da oficialidade. Entretanto, aí entra outra discussão sobre a meritocracia,<sup>3</sup> onde socialistas e neoliberais travam fortes discussões. Aliás, o quadro é muito complexo, pois há muitas outras questões a serem consideradas como, entre elas, será que os poderosos não estão influenciando em demasia as decisões governamentais e privatizando o próprio Estado? Se incluir-se a corrupção, por exemplo, aí os debates se tornam, merecidamente, mais acalorados.

O fato de que alguns poucos conseguem um amplo domínio das principais questões que envolvem a vida, fruto de suas capacitações,<sup>4</sup> é claro, em detrimento da maioria, não necessita de maiores detalhamentos ou fundamentações. Portanto, e esta é a chave-mestra da questão a que se está referindo, o ponto em destaque e crucial que envolve o problema desta pesquisa, o qual diz respeito à capacidade de cada um em conviver nas atuais condições com muito menos disparidades como se verifica na atualidade.

### 3 METODOLOGIA E ELEMENTOS APURADOS

O que observamos não é a Natureza, mas a Natureza exposta ao nosso método de questionamento.

-Werner Heisenberg, *Física e filosofia*, 1999

Atento a essa proposta deste trabalho que trata, antes de tudo, de apresentar um legítimo estado de reificação presente na contemporaneidade e de propor alternativas para exonerar o sujeito, utilizou-se da metodologia da hermenêutica reconstrutiva. Destaca-se essa escolha pois se pretendeu adotar muito mais que uma metodologia, visto que já é um consenso que a hermenêutica contemporânea deixou de ser pura metodologia e se transformou em filosofia hermenêutica.

Devechi e Trevisan (2010, p. 153) trazem apontamentos precisos sobre o assunto quando afirmam:

As abordagens hermenêutico-reconstrutivistas colocam-se como uma espécie de síntese de elementos positivos das precedentes, aproveitando os aspectos “críticos” e “evolutivos” das dialéticas e a preocupação com as categorias “contexto”, “mundo da vida” e “compreensão” das fenomenológico-hermenêuticas; é por esse motivo que alguns autores a consideram como hermenêutica crítica. Para elas, o sujeito é comunicativo e objetiva o consenso. Os significados resultam dos acordos construídos pragmaticamente por uma comunidade de argumentação, estando o caráter crítico na aceitação ou não das pretensões de validade do declarante. As pesquisas dessas abordagens desenvolvem-se pelo descentramento do sujeito, na medida em que o ego precisa agora se justificar para um alter. O outro passa a ser, assim, a categoria central das pesquisas, e por isso essas investigações surgem como reação à hermenêutica tradicional (que vai de Schleiermacher, Dilthey e Heidegger até chegar ao próprio Gadamer), dado que esta havia subsumido o outro na tradição. De outra maneira, ela é fiel nesse ponto aos pressupostos da crítica por meios comunicativos, como consciência aguda de negação da alteridade, sejam minorias exploradas, movimentos sociais,

povos que lutam pela sua independência e os diferentes.

Desse modo, é com esse caráter metodológico que a pesquisa parte para investigar os possíveis caminhos que amenizem ou solucionem esse estado de coisas, fugindo dos aspectos ideológicos que politicamente sempre se costumam inserir em seus contextos, para que, com uma ótica puramente filosófica ou científica, ter-se um resultado que possa ser considerado por todos.

Outrossim, desde já é preciso dizer que, seja qual for o caminho a ser percorrido, não se imagina que educação não seja o principal sujeito na condução de alternativas, via processos educativos pertinentes, de modo que pedagogicamente a relação escola e sociedade se solidifique pelos aperfeiçoamentos necessários.

Com a metodologia a ser utilizada esclarecida buscou-se, através de uma pesquisa bibliográfica, os elementos que possam ser identificados como imprescindíveis para a constituição dessa condição de libertação do ser, os quais são apresentados a seguir.

### 3.1 IMAGINAÇÃO

Dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber é uma regra científica, porém, não se pode ignorar, por outro lado, o fato de que parece que a imaginação é mais importante que o conhecimento para o conhecimento, porque enquanto o conhecimento reduz, pois delimita, a imaginação transcende no tempo e no espaço. Não se conhece outra saída do tempo que não seja a morte. Ter isso presente nos distancia no tempo. Enquanto estamos presos nesse espaço, o ser humano é um ser errante, pois anda pelo acaso, vagueia pela vida, articula palavras, esboça movimentos e ações, e navega em pensamentos.

A faculdade de racionalizar, bem como a de se emocionar, é uma atividade humana e, quando se invade essa manifestação, ocorre o que se pode chamar de **pensamento**. A imaginação é a capacidade de pensar além dos paradigmas que tradicionalmente acorrentam o sujeito à sua realidade, “construída a duras penas”, sob o ponto de vista deste pesquisador.

A partir das conceituações sobre a imaginação que serão vistas a partir de agora, e analisando as diversas fundamentações sobre a matéria, será preciso objetivar, construir e estabelecer uma ideia própria, claro que fundamentada no todo ou em parte pelos autores que aqui se fazem presentes, para discutir sobre a imaginação.

Na visão aristotélica, a imaginação trata-se de uma capacidade do pensamento, tal como o julgamento. Aristóteles (2015, p. 428) define:

Na eventualidade de a imaginação consistir (para além de qualquer conotação metafórica do termo) naquele processo pelo qual podemos afirmar ser uma dada imagem assim nos apresentada, será este, então, uma daquelas faculdades ou estados mentais, por intermédio dos quais nos é possível julgar, sendo obviamente aquelas certas ou erradas.

Na mesma obra (De Anima), Aristóteles (2015, p. 433) complementa e aprofunda um pouco mais sobre o tema ao afirmar:

A imaginação é, portanto, diferente da afirmação ou da negação, porquanto ser precisamente uma síntese de conceitos que residem a verdade ou o erro. Mas, como poderão os conceitos primeiros das imagens se distinguir? Certamente, nem esses conceitos primeiros, nem tão pouco qualquer outro, poderão ser imagens e, não obstante, sem eles tais imagens mentais nunca poderão ocorrer.

A partir desse posicionamento do autor, a considerar pelos dois enunciados apresentados, é possível concluir que os conceitos, mesmo não

existindo sem as imagens, não são redutíveis a elas. O próprio Aristóteles (2015, p. 433) diz ainda que “o seguinte facto apresenta-se de modo bem evidente: existem dois princípios relativos ao movimento local – o desejo e o intelecto – na condição de se considerar a imaginação uma espécie de inteleção”. Pode parecer um pouco complicado se obter uma interpretação perfeita sobre o que o autor realmente quis dizer, até porque várias vezes Aristóteles utiliza o termo “deliberar”, “julgar” como um ato da imaginação, só para se ter um exemplo da complexidade para se extrair uma elucidação próxima ao sentido que o autor realmente desejou expressar. Entretanto, esta pesquisa se deparou com a seguinte afirmativa de Hume, já com uma linguagem diferente, assumindo outra concepção, que casualmente pode ajudar a entender Aristóteles, a partir deste enunciado:

Visto que a imaginação pode separar todas as ideias simples e uni-las novamente da forma que lhe aprouver, nada seria mais inexplicável que as operações dessa faculdade, se ela não fosse orientada por alguns princípios universais que a tornassem em certa medida uniforme em todos os tempos e lugares (Hume, 1988, p. 39).

Como pode ser visto, Hume apela para a existência de princípios universais para dar à faculdade da imaginação uma certa medida. Pela ideia do autor, os princípios que moderam e padronizam a imaginação são o princípio da semelhança, o princípio de contiguidade e o princípio da causalidade. Dessa forma, a imaginação junta e decompõe as ideias de acordo com estes princípios, basicamente por uma questão de hábito.

A partir das reflexões se pode conceituar que a imaginação é um processo de libertação da consciência, de caráter transcendental, e que a conduz para o universo, para lugares tangíveis ou intangíveis e, se utilizada concomitante com a meditação, distende a criatividade e a criticidade.

Uma consequência do desenvolvimento da imaginação é que ela pode levar a uma qualificação cognitiva, observando-se que pode ser direcionada, em seu ponto de partida, pela racionalidade ou não. Em seu ponto de partida, sofrerá mais ou menos influências do caráter da pessoa de acordo com o nível de meditação empregado.

A impressão que fica é a de que, quanto mais se entranhar nos meandros da imaginação, mais se terá essa certeza quanto ao seu aspecto metafísico, mas essencialmente útil nos tempos atuais, ou seja, o pós-metafísico, com toda sua gama maior de aspectos e variáveis a serem considerados no cotidiano da vida.

### 3.2 CRIATIVIDADE

Este outro elemento traz, em sua essência, elementos interessantes, os quais perpassam diversos aspectos, como veremos na sequência. É importante trazer pensamentos, mesmo distintos, desde que apresentem significados que conduzam à reflexão, pois esta pesquisa objetiva primar pela isenção, muito embora não deixará de assumir um norte, já que é preciso se estabelecer um fio condutor para se chegar a algum resultado que apresente coerência, fundamentos e que possa agregar valor.

A criatividade apresenta diversos e interessantes pontos de vista distintos. Herrán Gascón (2018, p. 50) faz uma crítica contundente sobre a sua utilização por parte dos pesquisadores:

Quando se fala sobre educação, tende-se a desenvolver discursos normais. Um discurso normal é aquele que lida com abordagens de conteúdo e recorrentes. A tendência na Pedagogia e em outras ciências que investigam aspectos da educação é dizer as mesmas coisas que a maioria sobre quase todas as disciplinas, incluindo a inovação educacional, porque é feita a partir do conteúdo emprestado em sua maior parte. Deste ponto de vista, a maioria

dos pesquisadores são mais ecos e murmúrios do que vozes. O resultado é que a pesquisa pedagógica geralmente sofre de originalidade e criatividade (Herrán Gascón, 2005a).

Essa ótica da questão levantada por Herrán Gascón teria por base as limitações que normalmente são impostas aos doutorandos no sentido de se prenderem eruditamente ao que puderem fundamentar com citações diretas e indiretas? Claro, isso tem variações de acordo com o orientador da tese, mas, de uma forma geral, essa é uma orientação que predomina na maior parte do planeta. Seria pertinente, também, descobrir se, diante dessa questão, o que ocorre é efetivamente uma falta de liberdade ou uma carência de criatividade em si.

A criatividade, esclarecida por Goswami<sup>5</sup> (2013, p. 80) “é o fenômeno conectado ao ato de criação” e, a partir do seu sentido mais elementar, o autor começa dizendo que:

O dicionário define a criação como o “o ato de fazer o mundo existir a partir de nada”. Analogamente, podemos dizer que qualquer criação, seja ela um poema ou uma teoria da ciência, é o ato de trazer ao mundo a partir de nada? Ocorre que muitas pessoas que pensam em criatividade hoje tendem a se esquivar de tal definição. Diz-se que ninguém faz algo a partir de nada. O problema é que tentamos definir coisas em termos que se adequem à nossa visão de mundo. Como disse certa vez o psicólogo Abraham Maslow, “se você tem um martelo na mão, tende a ver o mundo como pregos”.

A palavra criatividade origina-se do latim *creare*, que significa criar. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, orientam para a necessidade de se desenvolver nos alunos alternativas de solução de problemas por meio do pensamento lógico, da criatividade, da intuição e da análise crítica. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (Brasil, 1997, p. 41):

A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, ideias e sentimentos que se realizam como imagens internas . . . É a capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata.

Muito embora a existência dessa que se poderia denominar de uma orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, na prática, de certa forma, ainda existem lacunas quanto à sua prática educacional adequados a essas premissas.

Uma simples busca de definições sobre o significado da **criatividade**, mostrará a amplitude de ideias que cercam o assunto e que de alguma forma acaba refletindo a profundidade do tema e os seus reflexos de entendimento, que acabam se tornando bastante variados. Goswami (2013, p. 80) complementa sua ideia ao expor que:

Por exemplo, o matemático Jacques Hadamard (1939) definiu a criatividade da seguinte forma: “É óbvio que a invenção ou descoberta, seja em matemática ou em qualquer outra área, realiza-se pela combinação de ideias”. Esse modo de olhar para a criatividade satisfaz uma visão de mundo que, eu defendo, Hadamard compartilha com a maior parte dos cientistas (materialistas), segundo a qual o mundo é causalmente determinista – causas passadas determinam eventos futuros. Uma ideia nova tem de ser vista como nada além de uma nova combinação de ideias já conhecidas. A limitada visão de mundo de Hadamard produziu sua limitada definição de criatividade.

Este diálogo com o autor serve para demonstrar a infinidade de articulações sobre seu conceito já que, de alguma forma, ele acaba reduzindo ou limitando o entendimento de que a criatividade nada mais é do que um rearranjo de fatos ou

coisas, de modo a se construir algo diferente. Dessa forma, pode-se emitir uma conceituação sobre o tema, dizendo que a criatividade é um fenômeno biológico e transcendental, operado pela consciência e pela imaginação, e que pode ser otimizado pela meditação, o qual produz o novo, através da reorganização de ideias do plano consciente e do inconsciente.

### 3.3 EXPERIMENTAÇÃO

Quanto à experimentação, por sua vez, é preciso aprofundar a análise sobre todo o processo de aprendizado, decorrente das experiências na vivência e convivência do ser humano, de forma a tornar claro seu significado e importância na composição do que aqui se define como um dos constructos da condição primordial para o desenvolvimento, a qual se está denominando como a Potência do Humano. Assim, a referência à experimentação quer se reportar a uma das etapas do método científico que, partindo de uma hipótese, expressa-se na análise e categorização de um fenômeno em circunstâncias monitoradas, mas também, nos frutos que a vivência proporciona no sentido de aprendizado.

Em outros termos, refere-se ao conhecimento tácito, o qual é adquirido através de experiências pessoais, enquanto que o conhecimento empírico é construído através da observação. A experiência deste pesquisador como um executivo, gestor de pessoas, dá conta de que existe uma enorme tendência de ser desprezado o conhecimento dos outros, sobrevalorizando-se o conhecimento individual, mas apenas sob a ótica pessoal. Com relação ao conhecimento tácito, especificamente, isso se acentua de forma muito enfática. O fato é que a cultura predominante não favorece a valorização e sua consequente consideração do conhecimento existente, dentro do senso comum, limitando-o aos meios científicos que representam uma parcela ínfima da sociedade.

Na verdade, enquanto os meios profissionais e científicos reconhecem a experimentação como um dos fatores mais importantes do processo de aprendizado (levando em conta conhecimentos que são tácitos,<sup>6</sup> por possuírem resultados consistentes, diferentemente do aprendizado chamado de explícito,<sup>7</sup> que possui somente a teoria), as pessoas, de uma forma geral, os ignoram, deixando uma lacuna entre as competências existentes nos indivíduos, fator que também provoca diferenças, distanciamentos e desigualdades como consequências.

A experimentação é bastante discutida nos tempos atuais dentro da bioética e uma apresentação do tema sob essa ótica é relatado por Caponi,<sup>8</sup> que argumenta:

De fato, podemos dizer que a bioética se estrutura como um espaço de saber autônomo e independente a partir do momento em que a sociedade se defronta com a existência de experimentações abusivas com seres humanos e com a necessidade de estabelecer limites claros entre o que pode e o que não pode ser admitido (Caponi, 2004, p. 446).

Claro, Caponi está se referindo a um tipo específico de experimentação, porém faz parte do conjunto de situações que fazem jus ao tema e merece ser discorrido e analisado. Aliás, essa questão de experimentação em seres humanos pode avançar na medida que possa evoluir o respeito aos demais seres vivos, dos quais já se admitem a presença do estado de senciência<sup>9</sup> em alguns ou em muitos deles. Essa evolução, portanto, tende a atacar o que se pode atualmente definir como um forte corporativismo do ser humano em relação a qualquer outra forma de vida senciente. A mesma Caponi (2004, pp. 446-447), citando Agamben, Arendt e Foucault, faz uma reflexão pertinente ao assunto ao dizer que:



Acreditamos que o conceito foucaultiano de biopolítica da população, as reflexões de Giorgio Agamben (2002) sobre o que denomina **vidua** e **estado de exceção** [grifo da autora], assim como os estudos que Hannah Arendt dedica à compreensão da condição humana, podem nos auxiliar na tarefa de tentar entender as condições históricas que legitimaram práticas de submissão dos sujeitos em nome do bem comum, da saúde das populações, **do futuro da espécie ou da vitalidade do corpo social** [grifo da autora] (Foucault, 1978).

Pela leitura desse contexto biopolítico, é possível acreditar nessa tendência – de se utilizar o corpo e mente do ser humano em experimentos –, o que seria uma guinada histórica e que obrigaria a humanidade a promover alterações morais e éticas em seus padrões de convivência e de comportamento.

Orbe, Pagni e Gelamo (2013, p. 89) trazem outra abordagem sobre o que eles denominam pedagogia da experiência:

Vários fatores convidam a considerar criticamente os efeitos que diziam ser processo de modernização da educação que tem em todas as tentativas de se configurar uma pedagogia da experiência; entre outros, por exemplo: o enfoque que sistemas educacionais modernos colocaram os propósitos educacionais da natureza ético-social; A intensidade dos debates sociais e acadêmicos em torno do local que em sociedades pluralistas ocupam visões transcendentais da vida humana e a formação do homem; e o lugar cada vez mais central que as legislações jurídicas e políticas se prestam a um conceito de “qualidade de vida humano” nem sempre claro” (Brossat, 2010). Mas o que queremos destacar aqui é outro assunto. Em nossa contemporaneidade educacional se está produzindo uma inversão na hierarquia de gerações que, ao mesmo tempo, destrói a singularidade de suas diferenças, organizando sua confusão total. Os meios específicos

de controlar a atenção, tanto psíquica como social, dos jovens, através dos aparelhos da sociedade de telecomunicações, promovem uma minorização do adulto (por sua falta de responsabilidade para com os jovens) e a constituição do jovem como prescritor do adulto de suas próprias unidades, através de uma operação de falsa adultização (tradução nossa).

Os autores destacam o que de fato se configura numa inversão da hierarquia, promovidos muito particularmente pela tecnologia, certamente liderada, na atualidade, pelos *smartphones*, além dos *Ipad*, *notebooks* e demais computadores, acarretando o que seria uma falsa adultização. Nesse sentido, parece que se está numa situação onde a pedagogia da experiência, como os autores denominam, está na beira da falência, ou de alguma forma já totalmente sepultada. Não se percebe, tanto nos adultos, como principalmente nos jovens, a preocupação de buscar informações sobre as experiências dos mais velhos. O mais irônico é que dificilmente alguém, quer seja jovem ou adulto, não compreenda e não valorize, teoricamente, é claro, a experiência, muito embora não se utilize dela. Ou seja, pensa de uma maneira e age de uma forma completamente diferente de suas crenças. Na prática, parece ser mais fácil o jovem depreciar o adulto do que considerá-lo pela sua vivência.

O conceito que se pode definir é de que a experimentação é o mais consistente processo de aprendizado e de ampliação da criticidade, que se dá pela prática e que pode levar à sabedoria dotando a mente de potencialidades, as quais podem, através da imaginação e meditação, desembocar em criatividade aprimoradas.

### 3.4 MEDITAÇÃO

O exercício da meditação vem de tempos imemoriais e se faz representar nas maiores religiões do mundo como o cristianismo, o budismo, o hinduísmo, o sufismo, o judaísmo, o taoísmo, e assim por diante. Na atualidade, entretanto, é uma prática que vem se intensificando, mesmo que timidamente, nos mais diversos setores da sociedade, desde ambientes de trabalhos, de educação, entre outros.

Registre-se, mesmo que apenas como uma observação, que a consciência possui basicamente dois sentidos: um que representa o estado de lucidez e outro que a define como um fenômeno, quer seja de caráter energético ou orgânico – penso em dar um passo à frente e o acabo fazendo. Dentro dessa linha fenomenológica, há que se deduzir uma tênue ligação entre a atividade de meditação e a consciência sob esse prisma. Também, impossível não se inferir uma ligação, aí mais concreta, com a consciência na forma de cognição lúcida. Portanto, a meditação, indubitavelmente, alcança a consciência sob os seus dois principais aspectos, o que a torna um elemento extraordinário de desenvolvimento do potencial que adormece no âmago dos seres humanos.

Destaca-se uma conceituação sobre o tópico a seguir, o qual apresenta um conceito e a forma como se deve proceder para exercitar a mente através da meditação, de uma forma bastante concisa:

A meditação tem sido glorificada como a vocação mais sagrada. Apenas os humanos são capazes de o maior esforço, pelo qual eles podem apressar a sua própria evolução. Ao preparar-

nos para a meditação, devemos primeiro adquirir a capacidade de olhar para dentro. Você deve aprender a ir sobre sua rotina diária e ininterruptamente observar a mente.... Que seja um observador silencioso do funcionamento da sua vida interior e estimar os motivos, intenções e propósitos que estão por trás de seus pensamentos, palavras e ações (<https://www.praticasalternativas.com/meditacao.php>, recuperado em 17 de março, 2018).

Chinmayananda<sup>10</sup> foi o autor desta última citação. Essa forma de descrever o que consiste em ser a meditação está intimamente ligada à cultura oriental, destarte o próprio autor ser um indiano, mas tendo se difundido por todas as grandes religiões, como já visto, e estar se espalhando pelos mais diversos setores da sociedade. Nas mais diversas formas de descrevê-la a sua essência não se alterará significativamente, como poderá ser constatado em algumas outras definições que se pesquisará. Um dos pontos em comum nos variados conceitos é a evolução humana, principal alvo da prática meditativa.

Sobre o mesmo Chinmayananda encontra-se aqui uma ampliação da conceituação da meditação, a qual colabora pontualmente para esta pesquisa, a saber:

Além dos exercícios físicos simplificados, da respiração, da neutralização da raiva, da canalização do desejo, da autorrealização, da análise do pensamento e da erradicação das preocupações, *Shri Vethathiri Maharishi* estava preocupado em responder às questões de “O que é Deus?”, “O que é a vida?” E “Por que existe pobreza no mundo?” Todas essas questões e suas respostas estão profundamente ligadas ao autoconhecimento, reflexão, auto-observação e uma admiração infinita e sensível sobre o significado da vida (<http://caminoconsciente.com.mx/blog/conoce-al-maestro-yogiraj-vethathiri-maharishi/>, recuperado em 18 de maio, 2018, tradução nossa).

Nota-se que o entusiasmo pelo tema, muito em especial dos grandes pensadores sobre o assunto, os leva para a busca de respostas para perguntas do tipo “Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?”. Ou seja, reivindicam se tratar de um poderoso método de autoconhecimento.

Por outro prisma, mais sob a ótica da academia, trata-se de uma metodologia para educar a atenção plena à consciência do momento corrente, a qual tem sido intimamente relacionada a um maior bem-estar físico, mental e emocional. A meditação se tornou um objeto de estudos da neurociência e, como relata Goleman (1997, p. 132), análoga prática é nada mais que a base da psicologia oriental. É o mesmo autor que comenta sobre o fato de que os psicólogos do ocidente, muito em especial os teóricos norte-americanos (motivadores ou autores pela maior parte das pesquisas e demandados da psicologia do ocidente), por muito tempo, desconhecaram ainda, em grande parte, as pesquisas oriundas da psicologia oriental.

Goleman (1997, p. 180) diz ainda, que esse fato é concebível em função da impenetrabilidade do material acessível, já que os documentos foram escritos, em sua maioria, nas línguas *páli* e *sânscrito*. Não bastasse isso, no momento em que foram traduzidos, ficaram desacertadamente qualificados como atinentes a doutrinas religiosas e, por isso, ignorados.

O mesmo Goleman (1997, p. 132), traz uma importante observação no sentido de que no oriente existe um consenso, desobrigado do ponto de vista em que se encontram (científico ou religioso), de que a meditação é o melhor caminho para metamorfosear predicados ideais em traços estáveis. Dessa forma, o autor conclui que foi precisamente esta característica que consentiu a chegada da meditação no meio científico ocidental.

Outro testemunho sobre a meditação, de acordo

com o que apresenta Koenig (1998, pp. 86-87), é o dos psiquiatras Newberg e D’Aquili, da Universidade da Pensilvânia (EUA), que defendem que o simples ato de conservar o foco em determinado objeto, ou arquitetar uma figura mental onde seja possível se manter a atenção, pode causar um pressentimento de estar abstraído do que acontece no mundo externo. De acordo com os psiquiatras este fácil exercício coopera para que a ansiedade enfraqueça e consente em um olhar mais ampliado exatamente no instante da tomada de decisões.

Richard J. Davidson<sup>11</sup> respondeu alguns questionamentos em entrevista, conforme relata o site “A grande arte de ser feliz”, os quais colaboram para o debate em análise:

Descobri que uma mente calma pode produzir bem-estar em qualquer tipo de situação. E quando me dediquei a investigar, por meio da neurociência, quais são as bases para as emoções, fiquei surpreso de ver como as estruturas do cérebro podem mudar em tão somente duas horas. Hoje podemos medir com precisão. Levamos meditadores ao laboratório; e antes e depois da meditação, tiramos uma amostra de sangue deles para analisar a expressão dos genes (Sanchis, 2017).

Perguntado se a expressão dos genes se altera, David respondeu que sim. Disse ainda que se observa “como as zonas com inflamação ou com tendência à inflamação tinham uma abrupta redução disso. Foram descobertas muito úteis para tratar a depressão” (Sanchis, 2017). Em 1992, o autor conheceu o Dalai Lama e, a partir deste encontro, relata que sua vida mudou. Diz, ainda, que da meditação à ação há uma distância e que uma das coisas mais interessantes que tem visto nos circuitos neurais da compaixão “é que a área motora do cérebro é ativada: a compaixão te capacita para agir, para aliviar o sofrimento” (Sanchis, 2017).

A meditação é um fenômeno controlável, o qual pode ser executado de várias formas – ativa ou passiva –, onde a consciência é afastada para dar lugar ao vazio, promovendo o desenvolvimento cognitivo, além de pontualmente estimular a imaginação e a criatividade.

### 3.5 RACIOCÍNIO LÓGICO

O raciocínio lógico é um dos ramos do universo científico menos conhecido pelo senso comum. O termo “lógica”<sup>12</sup> é de origem grega e significa “razão”, sendo a ciência das leis ideais do pensamento e o dom de utilizá-las adequadamente com o intuito de se chegar a uma verdade. Este é o ponto onde esta pesquisa se deterá para analisar esse conceito, buscando os caminhos, as justificativas e fundamentações para que as deduções possam ser encadeadas coerentemente, seguindo princípios e regras em que a lógica aponta como o caminho mais adequado.

Partindo desse traçado se apresenta Carroll (como citado em Cabral & Nunes, 2013, p. 15), os quais indicam que:

ela [a Lógica] lhe dará a clareza de pensamento, a habilidade de ver seu caminho através de um quebra-cabeça, o hábito de arranjar suas ideias numa forma acessível e ordenada e, mais valioso que tudo, o poder de detectar falácias e despedaçar os argumentos ilógicos e inconsistentes que você encontrará tão facilmente nos livros, jornais, na linguagem cotidiana e mesmo nos sermões e que tão facilmente enganam aqueles que nunca tiveram o trabalho de instruir-se nesta fascinante arte.

As próprias palavras do autor se apresentam como uma obviedade, no entanto, dispõem os fatos e os elementos para o quanto o significado de uma dedução lógica representa,

especialmente diante do cotidiano na vida.

A construção de silogismos, ou seja, a dedução ou raciocínio lógicos, parte de elementos simples, como, por exemplo: todo arco-íris é composto de cores comuns; Andréa possui um conjunto de cores incomuns; logo, Andréa não é um arco-íris. A regra usada aqui ficou conhecida a partir da Idade Média como *modus tollens* ou *modus tollendo ponens*, expressão latina que significa modo de afirmar negando, conforme explicam Vilela e Dorta (2010, p. 646). Esses são elementos primários, mas que representam perfeitamente o processo de raciocínio lógico, o qual se constituiu ao longo do seu desenvolvimento até os movimentos mais complexos, o sistema mais adequado, quer seja pela sua precisão, quer pela simplicidade, já que ele sempre tende para a exclusão de elementos desnecessários ou inúteis para as demandas de conclusões exatas.

Ainda dentro dos princípios elementares da lógica, Abelardo (2005, p. 20) faz referência à definição aristotélica do universal – “aquilo que é naturalmente apto para ser predicado de muitos” – e o opõe ao singular – “aquilo que se predica de um só” –, dentro de um contexto onde se questiona qual tipo de ser devemos atribuir aos gêneros e às espécies (universais). Abelardo esclarece sobre o que ele entende por universal real, onde a possibilidade é o que que mais se aproxima da realidade das coisas. Com sua citação, assim define o autor:

É a daqueles que afirmam que as coisas, consideradas uma a uma, não diferem apenas pelas formas, mas são distintas nas suas próprias essências, de tal modo que o que está numa delas não está na outra e, ainda que as formas fossem removidas, nem por isso as coisas deixariam de subsistir distintas umas das outras. Os seus partidários admitem que há algo de idêntico nas coisas diversas. Idêntico, não essencialmente, mas indiferentemente. Por exemplo, todos os homens, distintos em si

mesmos, são o mesmo no homem, isto é, não diferem na natureza da humanidade (Abelardo, 2005, p. 24).

O autor quer se fazer entender dizendo que os mesmos seres são denominados universais, se considerarmos para sua não-diferença e analogia, e singulares se, de modo diverso, notarmos para sua distinção.

A lógica objetiva encontrar a verdade, destarte as limitações e imperfeições do ser humano. Porém, ela segue o caminho do mais claro, do mais nítido, numa eterna tentativa de descartar desvios e principalmente vícios – um dos maiores males que avassala a humanidade.

Por outro lado, creio ser extremamente conveniente salientar, nesse momento, que para a hermenêutica não existe verdade objetiva, sendo um horizonte que nunca será atingido. O porquê dessa situação é pela incapacidade e consequente impossibilidade de se alcançar tal condição. Porém, a lógica busca as conclusões mais sensatas e coerentes com o que poderia ser a verdade, mesmo que utópica na realidade.

A vida é feita de paradoxos e sobre isso Deleuze (1974, p. 22) faz uma reflexão muito pertinente diante da perspectiva da lógica. Ele explica que, quando se designa algo, supõe-se que o sentido é compreendido e já está presente. Diz ainda o autor que o sentido é como a esfera em que se está instalado para operar as designações possíveis e mesmo para pensar suas condições. Deleuze esclarece que o sentido está sempre pressuposto desde que o **eu** começa a falar “eu não poderia começar sem esta pressuposição”. Em outros termos, o autor quer dizer que nunca se diz o sentido daquilo que diz. Porém, esclarece que, em compensação, pode-se sempre prender o sentido do que se fala como objeto de uma outra proposição que por sua vez não se diz o sentido. Esse é o momento onde se entra numa regressão infinita do pressuposto.

Deleuze (1974, p. 22) aprofunda a análise dizendo que esta regressão oferece um “testemunho, ao mesmo tempo, da maior impotência daquele que fala, e da mais alta potência da linguagem”. Ele se refere à impotência em se dizer o sentido do que se pretende dizer juntamente com alguma coisa e seu sentido. Além disso, destaca o “poder infinito da própria linguagem de falar sobre as palavras”. Esse raciocínio é de certa forma concluído quando ele expressa que: “em suma: sendo dada uma proposição que designa um estado de coisas, podemos sempre tomar seu sentido como o designado de uma outra proposição” (Deleuze, 1974, p. 22).

Porém, tudo o que aqui foi dito pelo autor é apenas um prelúdio de situações que se aprofundam cada vez mais, à medida em que se apresentam variáveis distintas no contexto em questão. Em outras palavras, a Lógica, em sua profundidade é extremamente complexa e requer uma certa habilidade cognitiva para seu estudo. Porém, mesmo com os seus conceitos mais elementares, os básicos, é possível a formulação de ideias mais coerentes, sensatas e de acordo com a razão.

Frege (2009, p. 211) apresenta uma síntese da questão que envolve a importância da lógica e dá sentido do porquê ela deve entrar na vida das pessoas:

Se alguém reconhece algo como verdadeiro, então faz um juízo. O pensamento é o que ele reconhece como verdadeiro. Não se pode reconhecer um pensamento como verdadeiro sem antes apreendê-lo. Um pensamento verdadeiro já era verdadeiro antes de ser apreendido por alguém. Um pensamento não necessita de um ser humano como portador (*Trager*). O mesmo pensamento pode ser apreendido por diversos seres humanos. O julgar não modifica o pensamento reconhecido como verdadeiro. Quando se julga, pode-se sempre destacar o pensamento que foi reconhecido como verdadeiro; pois o ato de julgar não faz

parte deste pensamento. A palavra “verdadeiro” não é um termo qualificativo (*Eigenschaftswort*) em sentido corrente.

A afirmativa de Frege de que “não se pode reconhecer um pensamento como verdadeiro sem antes apreendê-lo” talvez seja uma das lições que a maioria de nós – seres humanos – necessitamos assimilar e deixar de fazer julgamento de quase tudo e, na maioria das vezes, sem nenhuma base concreta de fundamentos. Aqui já foi trazida a questão da grande diferença entre o senso comum e a ciência, mas novamente esse é um dos aspectos que, indiretamente, Frege apresenta ao abordar a verdade, o juízo e a necessidade de aprender determinado pensamento. Essa é uma necessidade pessoal, algo que deve interessar ao indivíduo, como o autor define.

Em relação ao raciocínio lógico, se pode concluir e estabelecer um conceito definindo se tratar de processos de encadeamento sucessivos, em sequência de pressupostos coerentes, para se aproximar, o tanto possível, da verdade.

### 3.6 CRITICIDADE

A criticidade, por sua vez, é outro elemento indissociável de uma cognição bem elaborada, pois uma boa crítica não se permite a delimitação de pensamentos dentro de paradigmas. O que será visto aqui sobre criticidade terá um foco na “capacidade e habilidade de julgar, de criticar; juízo crítico” como define o dicionário da Apple no Mac, entre outros aspectos.

Keinert<sup>13</sup> (2006, p. 7), em sua tese de doutoramento apresenta uma perspectiva do aspecto negativo que compreende o elemento da crítica, na qual também envolve Kant com seu criticismo:

É interessante notar como, na base dessa leitura, está uma compreensão da noção de crítica que, a partir da ideia de um autoexame da razão,

parece conter apenas o aspecto negativo de uma delimitação de suas diferentes jurisdições, pois é apenas este o resultado que se pode obter quando se tem na forma lógica do juízo o ponto de partida para a constituição do sistema. Ainda que este seja sem dúvida um aspecto fundamental do criticismo kantiano, talvez fosse possível questionar a sua abrangência: se não queremos que o tribunal da razão, como crítica da faculdade da razão em geral, se limite a fazer uma recensão das áreas do saber, então devemos investigar a possibilidade de um sentido positivo imanente à própria noção de crítica.

O que Keinert deduz, no sentido de se direcionar a pesquisa para possíveis sentidos positivos, é oportuno, também, para este projeto, em especial neste espaço que se dedicará ao seu aprofundamento, como um dos elementos formadores do segundo constructo da Potência do Humano, juntamente com o raciocínio lógico e o espírito investigativo.

Sanchez (2005, p. 36) cita Lipman, que entende por criticidade no pensamento de ordem superior como sendo “a capacidade questionadora e deliberativa que problematiza, examina, e avalia as razões, os fundamentos e as crenças. Um pensamento crítico é autocorretivo e sensível ao contexto no qual está inserido”. Esta é uma definição que agrega definitivamente a criticidade e ao espírito investigativo, o qual será visto na sequência, mas, sobretudo, apresenta numa síntese a essência norteadora do seu valor para o ser humano, especialmente, como diz na citação, por ter características de autocorreção e sensibilidade ao contexto.

Destacando-se a importância da integração, diz Zatti (2007, p.40) que ela “é a postura ativa do homem que é sujeito e transforma a realidade”. Dessa forma, ele quer demonstrar que é um modo de sobrepujar a massificação e as outras formas de heteronomia<sup>14</sup> e se fazer autônomo, fato máster desta pesquisa. Freire (1977, p. 42)

afirma que “a integração resulta da capacidade de ajustar-se à realidade acrescida da vontade de transformá-la a que se junta a de optar, cuja nota fundamental é a criticidade”.

Freire, portanto, destaca a importância do ajustamento do sujeito, mas não sem deixar de evidenciar a importância da transformação e que isso somente ocorre através da criticidade. O autor, aliás, exerceu de forma tão contundente a sua crítica, muito em especial ao sistema, o que o obrigou a se exilar no exterior por muitos anos, fruto do regime militar instalado no país, que não aceitava suas ponderações e chegou a qualificá-lo como comunista.

Esta perspectiva da criticidade, ora em análise, detém um caráter mais contundente sob o olhar da filosofia, além do da educação, pelos aspectos e peculiaridades que se está observando. Todo este projeto, aliás, congrega basicamente essas duas posições – filosofia e educação –, mas é importante o anúncio dessa interpretação que estará presente, em especial, sobre este elemento em estudo – a crítica –, neste ponto da pesquisa, para situar esta particularidade, proporcionando uma antecipação dos possíveis olhares que sobre ela recairão.

Em Guillermit (1974, p. 58 citado por Keinert, 2006, p. 11) encontra-se uma passagem onde, sob a inspiração do iluminismo, traçou-se sobre o fato de duas necessidades conjuntas, uma de caráter lógico e outra de caráter prático:

Não se deve ver nem arrogância, nem ceticismo nessa afirmação de duas necessidades conjuntas, uma de caráter **lógico** [grifo do autor]: seria contraditório que existissem duas filosofias verdadeiras; a outra de caráter **prático** [grifo do autor]: é preciso pensar **por si próprio** [grifo do autor]. Assim se exprime o essencial do criticismo como verdade da *Aufklärung*.<sup>15</sup> Kant teve a convicção profunda de traçar uma linha divisória dos tempos, pelo simples fato de ter podido sentir-se plenamente como filho de seu

século.

O que o autor oferece com esta citação é um olhar pontual em Kant (2013, p. 15), quando ele se refere no prefácio dos “Primeiros princípios metafísicos da doutrina de direito” da “Metafísica dos costumes”, do próprio Kant:

assim, se a filosofia crítica se anuncia tal qual uma filosofia que nunca existira antes, ela não faz outra coisa do que aquilo que foi feito, que será feito e que precisa ser feito por todos aqueles que projetam uma filosofia de acordo com o seu próprio plano.

Assim, de um modo ou de outro, Kant não deixa de exaltar o aspecto da criticidade, quando ele diz que “precisa ser feito por todos aqueles que projetam uma filosofia de acordo com o seu próprio plano” (Kant, 2013, p. 15).

A partir desse quadro o mesmo Keinert (2006, p. 11) conclui e comenta sobre uma outra possível variável desses textos, fazendo uma observação e um alerta ao dizer que:

Pode-se imaginar aqui o comentador alertando um suposto leitor desavisado que, ao perseguir cronologicamente a história da filosofia por meio da leitura dos quatro primeiros tomos da coleção, pode ser tomado por duas fortes emoções consequentes: ficar exaltado por finalmente ter atingido a verdadeira filosofia e, logo em seguida, ser tomado por uma forte melancolia, pois, como de costume, foi apresentado **mais uma vez** [grifo do autor] à verdadeira filosofia.

Entretanto esse comentário de Keinert é apenas ilustrativo sobre a égide da continuidade dos textos apresentados. O fato imperativo é repousar os olhos sobre o todo que envolve a crítica, seus predicados, seus fundamentos, sua utilidade e suas consequências, muito em particular ao sujeito que passa a dominar essa potencialidade – a crítica – como um fator para o seu desenvolvimento e para sua capacitação para o enfrentamento da vida, sob um horizonte

da necessária emancipação do sujeito.

Assim, a crítica é uma competência elementar para a autonomia do sujeito, na medida que promove o questionamento, tende ao julgamento, que, se alinhado com a sabedoria, posiciona e distenciona para uma posição livre, caracterizando-se num juízo crítico abolicionista.

### 3.7 ESPÍRITO INVESTIGATIVO

A investigação, decorrente da própria criticidade, é o caminho que leva a novas descobertas e a melhoria permanente da vida. O dicionário da Apple no Mac diz se tratar de “uma averiguação sistemática de algo; inquirição, indagação, apuração”. Também faz referência a ser um “ato de esquadrihar, perscrutar minuciosa e rigorosamente”. Quanto ao termo “espírito” o mesmo dicionário, dentre muitas definições, o qualifica como sendo uma “ideia ou intenção predominante; significação real”. Com este ponto de partida, esta pesquisa se aprofundará em diversos autores para analisar, juntamente com cada um deles, do que isso efetivamente pode corresponder em um sentido mais amplo e prático para a vida.

Para trazer o primeiro autor para esta investigação, atrai-se Gleiser porque ele oferece para a pesquisa uma questão totalmente introdutória ao tema em análise, já que em primeiro lugar poder-se-ia questionar qual sua importância e qual a motivação – para se ter o espírito – que poderia impulsionar a curiosidade – para se buscar a investigação –, e formar este elemento que se apresenta como um dos componentes para o segundo constructo.

O que vemos do mundo é uma ínfima fração do que existe. Muito do que existe é invisível aos olhos, mesmo quando aumentamos nossa percepção sensorial com telescópios, microscópios e outros instrumentos de exploração. Tal como nossos sentidos, todo

instrumento tem um alcance limitado. Como muito da Natureza permanece oculto, nossa visão de mundo é baseada apenas na fração da realidade que podemos medir e analisar. A ciência, nossa narrativa descrevendo aquilo que vemos e que conjecturamos existir no mundo natural, é, portanto, necessariamente limitada, contando-nos apenas parte da história (Gleiser, 2014, p. 11).

Gleiser oferece um testemunho introdutório para o tema, de qualidade consistente, abordando sob o aspecto mais elementar todo esse ambiente que se busca sobre o espírito investigativo, que são as potencialidades naturais e biológicas do ser humano diante da dimensão da vida onde ele está inserido, e do que se sabe até o momento, que é uma estreita e humilde fração.

O fato é que a vida é repleta de mistérios, a maior parte deles de proporções inimagináveis, dada a sua amplitude. A cada novo momento na linha do tempo, é possível surgir uma nova descoberta que modifique completamente a forma de ver e/ou de viver a vida.

Gleiser (2014) utiliza o termo “incognoscível” como sendo algo que está além da ciência, para apontar para o fato de que sempre existirão situações em que a mente humana não possui aptidão para o desvendamento, mesmo que gradativamente se avance por mais e mais descobertas.

Kant (1992, p. 23 como citado em Keinert, 2006, p. 14), se refere à filosofia, a qual tem em sua definição básica, o fato de se constituir no “amor pelo conhecimento, experimentado apenas pelo ser humano consciente de sua própria ignorância”. Assim, da forma como o autor define a questão, a filosofia, então, é um dos principais caminhos, ou o melhor, para se desenvolver os questionamentos e aprofundar as pesquisas. As ciências são filhas da filosofia por natureza, pois é a partir do seu trabalho produzindo indefinidos questionamentos que se encontram



respostas e, a partir destas, o seu nascimento. Logo, trata-se de uma primeira e oportuna indicação do que se poderia considerar o melhor e mais sistematizado caminho para se dedicar a pesquisas em buscas de resultados. Rios et al. (2006, pp. 503-504) definem a filosofia, dentre outros aspectos, como uma teoria do conhecimento científico:

A Filosofia está dividida em diversas disciplinas, entre as quais se situa a teoria do conhecimento. A Filosofia, segundo Hessen, é uma autorreflexão do espírito sobre o seu comportamento (capacidades, atitudes, funções) valorativo (valorizador), teórico e prático. Como reflexão sobre o comportamento teórico, a filosofia é a teoria do conhecimento científico ou teoria da ciência, como afirma Fichte. Como reflexão sobre o comportamento prático do espírito, a Filosofia é a teoria dos valores. Por último, a reflexão do espírito sobre si mesmo constitui o caminho para se chegar a uma teoria da concepção do universo. Portanto, a esfera total da Filosofia divide-se em três partes: teoria da ciência, teoria dos valores e teoria da concepção do universo.

No texto dos autores há uma série de aspectos destacados sobre o significado da filosofia, definindo-a, também, como uma teoria dos valores, além de citar Hessen que, na sua obra “Teoria do conhecimento”, diz se tratar de uma autorreflexão do espírito sobre seu comportamento.

Novamente Kant (1992, p. 24 como citado em Keinert, 2006, p. 18) oferece mais uma conceituação sobre o tema, afirmando que, “à filosofia, segundo o conceito acadêmico, pertencem duas coisas: Primeiro, uma provisão suficiente de conhecimentos racionais; – segundo uma conexão sistemática desses conhecimentos, ou uma ligação dos mesmos na ideia de um todo”. Como se vê, agora Kant se reporta ao conceito acadêmico, destacando primeiramente ser uma boa reserva de

racionalidade e, depois, diz se tratar de uma conexão com o todo.

O outro ponto da estrutura básica da investigação, obviamente, é a ciência que, por sua vez, de forma ainda mais sistematizada e seguindo regras internacionais rígidas de pesquisas, ordenação, metodologia e até de redação, produz conhecimentos para a humanidade, via de regra passando pela academia.

De volta ao diálogo, Gleiser (2014, p. 37) explica como nasceu esse conjunto de metodologias científicas que se utiliza até os tempos atuais:

Embora ideias revolucionárias sobre a dimensão social e espiritual do homem tenham aparecido durante a mesma época na China, com Confúcio e Lao Tsé, e na Índia, com Sidarta Gautama, o Buda, é na Grécia que nos deparamos com o nascimento da filosofia ocidental, um novo método de investigação através do questionamento e da argumentação, desenhado para explorar a natureza fundamental do conhecimento e da existência. Ao contrário dos mitos de criação e da fé religiosa em geral, onde o conhecimento baseia-se essencialmente na natureza intangível da revelação, os primeiros filósofos gregos, conhecidos coletivamente como pré-socráticos (pois a maioria viveu antes de Sócrates), buscaram compreender a natureza da realidade através da lógica e da conjectura.

Assim, os fundamentos da investigação científica estão alicerçados em uma base histórica, as quais a sustentam até a contemporaneidade. Logo, trata-se de um tipo de investigação considerado o mais relevante, dada sua característica plena de cientificidade. Gleiser (2014, p. 37) complementa sua explicação sobre essa passagem evolutiva dos processos investigativos ao dizer que:

Essa transição, onde a reflexão racional é o veículo central na investigação de questões

sobre a existência, redefiniu a relação do homem com o desconhecido, substituindo uma confiança passiva no sobrenatural por uma busca ativa pelo conhecimento e pela liberdade pessoal.

Interpretando as conclusões do autor obtém-se muitas deduções, dentre as quais poder-se-ia citar que, gradativamente, a confiança do ser humano em si próprio começou a aumentar a partir da segurança em seus próprios processos e nas metodologias de investigação.

O espírito investigativo é um conjunto de atributos voltados para a descoberta do diferente, do novo, quer seja pela recomposição de ideias, quer seja pelo encontro de novos elementos através da prática de pesquisa sistemática e metodológica, impulsionada por um desejo inabalável pelo saber.

### 3.8 VIRTUDE

Os comportamentos sociais têm caminhado na contramão do processo civilizatório. Freire (2010, p. 19) lembra que “comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também”. A propósito desse pensamento de Freire está o neurocientista António Damásio, o qual advertiu que é necessário “educar massivamente as pessoas para que aceitem os outros”, porque “se não houver educação massiva, os seres humanos vão matar-se uns aos outros”:

O neurocientista português falou no lançamento do seu novo livro **A Estranha Ordem das Coisas** [grifo do autor], na Escola Secundária António Damásio, em Lisboa, onde ele defendeu perante um auditório cheio que é preciso educarmo-nos para contrariar os nossos instintos mais básicos, que nos impelem a pensar primeiro na nossa sobrevivência (<https://www.revistaprosaveroarte.com/sem-educacao-os-homens-vao-matar-se-uns-aos-outros-diz-neurocientista-antonio-damasio/>, recuperado

em 18 de maio, 2018).

Dentro da perspectiva didática construída para o desenvolvimento desta pesquisa, a virtude representa todos os valores importantes da vida. Mesmo que, em culturas diversas, um valor possa ser diferente, ou mesmo oposto, entre um lugar ou outro, isso não anula a sua significância virtuosa, mesmo não sendo unânime. Afinal de contas, o próprio respeito e tolerância são virtudes.

Schopenhauer (2005, p. 275) definiu o ser humano como um “ímpeto tempestuoso e obscuro do querer (indicado pelo polo dos órgãos genitais, como seu foco)”. Ao mesmo tempo, o definiu como “um sujeito eterno, livre, sereno, do puro conhecer (indicado pelo polo do cérebro)”. Trata-se de uma indicação para o estudo e a exploração do que seja esse ser e do que se trata esta vida.

São Tomás de Aquino (2012, p. 110), se referindo à virtude e à razão, revela sua convicção sobre a qualidade desses dois elementos:

A razão é mais nobre do que a virtude gerada na parte apetitiva, pois tal virtude não é senão certa participação da razão. Portanto, o ato que precede a virtude pode causar a virtude, enquanto é pela razão, pela qual tem o mesmo que há da perfeição dela.

Note-se que essa afirmativa de São Tomás de Aquino nada mais é do que uma sentença de que a razão, em essência, é uma virtude, e até mais nobre do que ela, o que constitui a razão um estado original de pureza.

Trazendo Merlin para este diálogo, ele faz duras críticas à neurociência, chegando a tecer afirmações como a de que:

Neurociências envolvem o triunfo da medicalização, o paradigma positivista e investigação técnica separada da política e subjetiva para viver com os outros e outros

efeitos. Assumiu laboratórios comerciais e a vitória da colonização neoliberal produz psicologia de massa, onde o sujeito é reduzido a ser um assunto de experimentação manipulado, quantificado e disciplinado (Merlin, 2017, tradução nossa).

Dessa forma, Merlin sentencia as neurociências e o neoliberalismo como antíteses da virtude. Audi (2006, p. 973) diz que valor é “a medida de importância de algo”, e os filósofos descreveram suas formas mais importantes: “valor intrínseco, instrumental, inerente e relacional”, cujo o intrínseco seria considerado o básico entre todos eles.

A virtude é o que há de mais valioso em todas as concepções da vida e do ser humano. Abbagnano se refere à virtude como “uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou o ser a que pertença”. Ele ainda apresenta o significado específico em três situações: “1ª – capacidade ou potência em geral; 2ª – capacidade ou potência própria do homem; 3ª – capacidade ou potência moral do homem” (Abbagnano, 2007, p. 1198). Ainda de acordo com o autor, há uma referência enunciada por Rousseau e adotada por Kant no sentido de ligar a virtude ao esforço.

Devido à alta de competitividade dos tempos atuais, o esforço ficou relegado a planos inferiores, ocasionando a capacidade de produzir resultados e a atitude como valores principais. Hoje se executa e se discute muito essas práticas que são denominadas de meritocracias. Identificam-se duas correntes do pensamento sobre isso, uma dizendo que não pode existir meritocracia sem igualdade de condições básicas, as quais devem ser oferecidas pelo Estado. A outra corrente defende sua existência, alegando que os maiores produtores de resultados não estão entre aqueles que recebem as melhores condições básicas e, sim, entre aqueles que têm uma maior atitude e que, geralmente, se trata de pessoas mais

humildes, justificando, portanto, a necessidade de meritocracia até como uma forma de justiça social. Entretanto, não há necessidade de se discutir obviedades, como a importância da atitude, mas é elementar recordar que o incentivo à produção é um elemento importante à humanidade em todos os seus aspectos.

Barbosa (2003, p. 22), se referindo à meritocracia, dá um conceito sob sua ótica: “poderíamos defini-la, no nível ideológico, como um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um. Ou seja, do reconhecimento público da qualidade das realizações individuais”. Assim, Barbosa a descreve como consequência do mérito, ligando-a ao resultado. Porém, é preciso destacar, primeiramente, o tema em questão – a virtude –, especialmente porque a imperfeição humana a tem relegado a planos inferiores na sua vida prática e rotineira, no sentido efetivo dos seus usos e costumes. Kant (2007, p. 41), como lhe é peculiar, é muito incisivo quanto à importância da atitude em relação à virtude:

Não é preciso ser-se mesmo um inimigo da virtude, basta ser-se apenas um observador de sangue-frio que não tome imediatamente o mais ardente desejo do bem pela sua realidade, para em certos momentos (principalmente com o avançar dos anos e com um juízo apurado em parte pela experiência, em parte aguçado para a observação) nos surpreendermos a duvidar se na verdade se poderá encontrar no mundo qualquer verdadeira virtude.

Dessa forma, Kant é taxativo quanto à omissão e à falta de uma disposição para o bem, para caracterizar alguém como não ético, ou melhor ainda, não virtuoso, além de colocar a atitude como um ato de excelência.

A conclusão sobre **virtude** é de que se trata da representação do que há de maior valor na humanidade e, talvez, na própria ecologia do

universo. O caráter dessa dedução não é apenas uma definição romântica, mas está calcado nos sentimentos e racionalidades expressas, que até aqui já foram vistos, muito além de uma questão ideológica. Poder-se-ia ter como entendimento que a virtude é um imperativo máximo da vida.

### 3.9 ESPIRITUALIDADE

O que é realmente a espiritualidade? Para que serve? Qual o sentido de cientificidade se pode aplicar, se é que pode, à espiritualidade? Não seria mais uma das dispersões lógicas pensar na espiritualidade? Enfim, de todos os elementos que estão sendo analisados nesta pesquisa, possivelmente a espiritualidade seja o mais controverso, talvez porque seja inadequadamente misturada com religião. Abbagnano (2007, p. 27) define a alma como sendo “o princípio da vida, da sensibilidade e das atividades espirituais (como quer que sejam entendidas e classificadas), enquanto constitui uma entidade em si, ou substância”.

Aristóteles (2010, p. 31) em sua obra “Sobre a alma”, abordando a questão da alma como objeto de investigação, tratou-a da seguinte forma:

Partindo do princípio de que o saber é uma das coisas belas e estimáveis, e que alguns saberes são superiores a outros quer pelo seu rigor, quer por tratarem de objectos mais nobres e admiráveis, por estes dois motivos poderemos com boa razão colocar a investigação sobre a alma entre os mais importantes. Ora o conhecimento sobre a alma parece contribuir também largamente para o da verdade no seu todo, e em especial para o da natureza, pois a alma é, por assim dizer, o princípio dos animais.

O filósofo categoriza o assunto como um dos mais nobres e admiráveis, o que dá uma perspectiva de como ele valorizava esse assunto. Além disso, nessa sua obra, ele desenvolveu uma ampla pesquisa, buscando

em outros filósofos suas opiniões a respeito do que cada um entendia ser esse fascinante elemento.

Aristóteles (2010, p. 36) se referindo à alma e movimento disse:

A alma é, acima de tudo e em primeiro lugar, afirmam alguns, aquilo que move. Pensando estes, então, que o que não se move não é capaz de mover outra coisa, supuseram que a alma é um dos seres que se movem. Por isso Demócrito disse que a alma é uma espécie de fogo e que é uma coisa quente.

Como se percebe, Aristóteles começa a pesquisa nos fundamentos mais elementares sobre o tema e, já no princípio, encontra essas duas definições, onde uma aponta para o movimento e a outra, através de Demócrito, que se trata de algo quente, semelhante ao fogo. Já na página seguinte, Aristóteles define que “a doutrina dos Pitagóricos parece apresentar o mesmo raciocínio: a alma é as poeiras que estão no ar, segundo uns, ou é, julgaram outros, o que as move”. O filósofo conclui que “afirmaram isto a respeito daquelas poeiras porque parecem mover-se continuamente, mesmo quando não há qualquer movimento do ar” (Aristóteles, 2010, p. 37). Dessa forma, o filósofo inicia a montagem da sua proposta de se aprofundar no tema, na tentativa de decifrar o “quebra-cabeça”.

Aristóteles (2010, pp. 37-38) se refere a Anaxágoras, que por sua vez entende que “de modo semelhante, diz ser a alma que move, ele e ainda todos os que disseram que o entendimento pôs o universo em movimento”. Observa, porém que não é exatamente esta a perspectiva de Demócrito, já que ele disse “que a alma e o entendimento são o mesmo, – tal como são o mesmo – o que é verdadeiro e aquilo que aparece” (2010, pp. 37-38). Com base nesses depoimentos, o autor conclui:

Por isso, – na sua opinião –, correctamente cantou Homero que ‘Heitor jaz de sentidos perdidos’. Ele não emprega ‘entendimento’ como uma faculdade relativa à verdade; antes diz que alma e entendimento são o mesmo. Anaxágoras, por sua vez, é menos claro a este respeito. Em vários locais afirma ele que a causa do belo e da ordem é o entendimento, enquanto em outros passos diz que ele é a alma – por exemplo, quando diz que existe em todos os animais, pequenos e grandes, nobres e menos nobres. O entendimento, todavia, tido por sensatez, não parece pertencer de um modo semelhante a todos os animais, nem sequer a todos os homens (Aristóteles, 2010, pp. 37-38).

Pelo enunciado se constata de Demócrito é sempre mais incisivo e categórico em suas definições, talvez revelando um modo de se expressar, mas por outro, não deixa dúvidas de suas convicções. Anaxágoras se apresenta mais comedido, mas ao declarar que entende que a alma se faz presente em qualquer animal demonstra, também, uma humildade não tão comum em seres humanos, pois, quando se faz esse tipo de comparação com os animais, as pessoas tendem a se ofender.

Aristóteles (2010, p. 38) conta que Empédocles disse que a alma é híbrida, formada por todos os elementos, sendo que cada um deles é alma, ao determinar que: “vemos, pois, a terra pela terra, e pela água a água, pelo ar o divino ar; já pelo fogo, o fogo destruidor, e pelo amor o amor, e ainda o ódio pelo triste ódio”. Ao considerar essas afirmações de Empédocles, retoma-se o ponto de que talvez nunca o ser humano tomará conhecimento, que é entender porque a vida tem essa conotação, inserindo-se aí o sofrimento humano.

O autor se refere a Platão, o qual constrói do mesmo modo, quando na obra “Timeu” diz que a alma é elaborada a partir dos elementos: “o semelhante é conhecido pelo semelhante, afirma ele, e as coisas são compostas dos princípios”.

**Já Ross, diz** o filósofo, entende que “a alma se refere a um seu diálogo Sobre a Filosofia” (Aristóteles, 2010, p. 38). O entendimento do reconhecimento dos semelhantes e de que as coisas são compostas por princípios revela uma lógica dedução, pois o que poderia ser mais óbvio do que a existência de princípios, presentes em todos os cantos da vida?

Aristóteles (2010, p. 40) analisa que foi Demócrito quem exprimiu com maior profundidade o que motiva cada uma destas características: “a alma e o entendimento são o mesmo e são um dos corpos primários e indivisíveis e capaz de imprimir movimento devido à pequenez das suas partículas e à sua figura”.

O autor, por fim, por fim, se referindo a partes da alma, elaborou o seguinte pensamento:

As plantas e, de entre os animais, alguns insectos vivem manifestamente mesmo depois de seccionados, como se cada secção possuísse a mesma alma em espécie, ainda que não em número. É que cada uma das partes possui, durante certo tempo, sensibilidade e desloca-se. E que tal não persista não é nada de absurdo, pois não possuem os órgãos necessários para preservarem a sua natureza. Ainda assim, não menos em cada uma das partes estão presentes todas as partes da alma, e cada uma delas é da mesma espécie que as outras e que a alma no seu todo, como se as diferentes partes da alma não fossem separáveis umas das outras, sendo embora a alma no seu todo divisível. O princípio existente nas plantas, além disso, parece ser algum tipo de alma. Este é, com efeito, o único princípio comum a animais e plantas. Mais, este princípio existe separado do princípio perceptivo, embora nenhum ente possua sensibilidade sem o possuir (Aristóteles, 2010, p. 58).

Esta manifestação de Aristóteles, quer seja em relação aos animais, insetos, quer seja em relação às plantas, é um forte testemunho de que a vida, em seus princípios mais elementares

e virtuosos, estão muito além daqueles vivenciados pelo ser humano, dado a forma como as pessoas se comportam em relação a todos eles, demonstrando uma certa prepotência, totalmente incoerente com a dimensão e o significado da vida e de seus componentes. Ora, se todos eles possuem alma, e lembrando como se referiu Empédocles – “mas é impossível que exista algo mais poderoso do que a alma e que a domine, e ainda mais impossível no caso do entendimento” – o ser humano está cercado de seres com potencialidades equivalentes, com o diferencial de ser o único entre todos os demais seres, animais e vegetais – que não respeita o próximo e até mata por esporte. Então, vale lembrar, também, o que o mesmo Empédocles complementou de que “este é, com boa razão, primordial e dominante por natureza, embora ‘alguns pensadores’ declarem que os elementos são, de entre os entes, os primordiais” (Aristóteles, 2010, p. 58).

Pode-se concluir que a espiritualidade tem seu caráter imanente e transcendente e que está inseparavelmente contido na natureza, a qual abarca os conceitos de consciência como manifestação fenomenológica e da alma como sinônimo de espírito, os quais, por sua vez, têm o caráter de atemporalidade e dos princípios mais elementares e importantes do universo.

### 3.10 AGIR COMUNICATIVO

A questão principal parte do ponto de análise básica do entendimento entre as pessoas, onde qualquer exercício prático sobre a potencialidade da comunicação é testado, quando se constata sua imensa dificuldade, tanto de expressão como de entendimento do que se ouviu ou se leu. O exercício mais conhecido, ou ao menos um deles, é aquele em que o professor coloca um certo número de seus alunos fora da sala de aula. Depois ele conta uma história qualquer para um aluno e pede para que ele repasse a história para outro aluno, para um daqueles que

ficaram fora da sala de aula. Então entra um dos alunos e ele ouve a história contada pelo colega. Este aluno que ouviu irá contar para outro colega, que será chamado para a sala de aula e assim sucessivamente. Ao final, quando o último aluno entra na sala de aula, ouve uma história bastante e, às vezes, muito diferente daquela contada pelo professor inicialmente. Obviamente que esse exercício não determina qual a maior dificuldade, ou seja, a de falar ou a de ouvir, mas o fato é que essas duas atividades humanas são exercidas com precariedade. Outro momento em que se constata essa dificuldade está no exercício de interpretação de textos, onde, invariavelmente os resultados não são nada satisfatórios, de uma forma geral.

Muito embora com todas suas deficiências, não há como não considerar a comunicação como um instrumento indispensável no relacionamento entre as pessoas. Entretanto, ela só ocorre com um certo grau de excelência quando a mensagem é auferida e percebida com o mesmo sentido com o qual ela foi transmitida, podendo ser feita de várias maneiras, através da linguagem verbal ou não verbal, mas que seja um procedimento completo e coerente (Schelles, 2008). Entretanto, o que parece é que as deficiências humanas são tão imensas que imaginar uma situação de comunicação com excelência fica mais para o campo utópico.

Maturana entende que a dinâmica básica para operar em um sistema social humano é a linguagem. Assim sendo, os intercâmbios da língua acontecem de modo periódico até o instante em que o método levar seus organismos a esferas consensuais incógnitas ou que não se intersectam. O autor complementa afirmando que:

Palavras constituem operações no domínio de existência, como seres vivos, dos que participam na linguagem, de tal modo que o fluir de suas mudanças corporais, posturas e emoções tem a ver com o conteúdo de seu linguajar. . . . o que

fazemos em nosso linguajar tem consequências em nossa dinâmica corporal, e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar (Maturana, 1978, p. 16).

O testemunho de Maturana diz respeito pontualmente a essa interligação da dinâmica corporal e a linguagem, de forma que se produz uma dinâmica conjunta entre esses dois elementos, os quais passam a ter uma personalidade única. Para o autor, nesta relação entre linguagem e dinâmica corporal, a emoção no ser humano tem a função de direcionar as ações do sujeito, ponto crucial deste momento desta pesquisa, onde se discute exatamente o papel e a importância do agir comunicativo.

Nietzsche (2012, p. 222) faz uma consideração importante sobre a dificuldade do não saber, como o fez nessa citação:

O ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna consciente é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: – pois apenas esse pensar consciente ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação, com o que se revela a origem da própria consciência. Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (não da razão, mas apenas do tomar-consciência-de-si da razão) andam lado a lado.

A forte referência de Nietzsche ao fato de a consciência se dar efetivamente quando transformada em palavras nos remete novamente a Habermas (1989, p. 27), que se refere ao fato de que:

(...) os hábitos falsos de pensamento e de vida concentram-se nas formas superiores da reflexão filosófica; mas os descaminhos da metafísica e do pensamento ordenador, que hoje precisam ser desconstruídos, não se esgotam em prosaicos erros categoriais ou em transtornos da prática quotidiana, mas têm um

caráter epocal.

A desconstrução a que Habermas se refere certamente tem muito a ver com o estado evolutivo ou pensante, em que se formou um paradigma coletivo de um grau perigoso de hipocrisia, pois acentua a forma equivocada de se situar no contexto ecológico da vida e do próprio universo. Parece muito nítido que essa forma pretenciosa de se posicionar perante o mundo, na verdade, tem se tornado uma barreira gigante para o desenvolvimento da sabedoria. Diante disso, doses maciças de humildade se tornam um imperativo para um reordenamento da forma de pensar. Retornando a Nietzsche (2012, p. 223), ele se refere a essa situação de uma forma precisa, sob o seu ponto de vista:

A natureza da consciência animal ocasiona que o mundo de que podemos nos tornar conscientes seja só um mundo generalizado, vulgarizado – que tudo que se torna consciente por isso mesmo torna-se raso, ralo, relativamente tolo, geral, signo, marca de rebanho, que a todo tornar-se consciente está relacionada uma grande, radical corrupção, falsificação, superficialização e generalização.

O autor sentencia que esse contexto a que se está enfocando como sendo decorrente da própria natureza da consciência animal. É um testemunho das limitações do ser humano, do qual aqui se está pretendendo abordar e apresentar como um fator que merece ser apreciado e tratado de forma mais sábia e menos dissimulado.

Como é muito fácil de se deduzir, pelo pensamento de Habermas, há aqui uma interação muito próxima entre a capacidade de comunicação e a capacidade produtiva, fator que repercute diretamente nas imensas diferenças sociais e econômicas, as quais merecem ser tratadas em sua essência, até porque os cuidados com seus reflexos têm sido totalmente ineficazes, prova pelo seu próprio

contínuo aumento. Isso é, possivelmente, o maior fundamento para se justificar o agir comunicativo, como um constructo inteiro para a constituição de uma Potência do Humano.

Fica claro, interpretando Habermas que até mesmo para os processos de comunicação, as virtudes devem estar presentes no âmago de cada pessoa envolvida. A otimização do padrão existencial, sob todos os aspectos, está diretamente vinculada a esta condição que se impõe como um predicado para tanto. Outrossim, visto essa panorâmica, na qual, como diz Habermas, deve-se buscar a harmonia, e que se é uma condição imperativa para a busca da utópica excelência no agir comunicativo, da mesma forma o é para a excelência do ser humano.

Observa-se pelo exposto que uma das maiores deficiências do ser humano consiste em sua extrema dificuldade de elaborar processos comunicativos efetivos.

#### 4 A POTÊNCIA DO HUMANO E SEUS CONSTRUCTOS

Compreender que não podemos mais educar sobre estruturas estáveis do ser e reconhecer que não temos o pretendido controle sobre o destino da educação, não significa negar a possibilidade de outros espaços de legitimação.

- Nadja Hermann Prestes, *Metafísica da subjetividade na educação*, 1997.

Para adquirir essa que hoje é uma utopia – a autonomia –, pesquisou-se, aqui, alguns pressupostos que pudessem ser básicos para formação dessa condição que de fato possa levar o ser humano a um patamar de desenvolvimento cognitivo suficiente para alcançar a dignidade e a condição de uma cidadania plena. Assim, foram vistas suas conceituações, as quais se

fundamentaram em grandes pensadores, para trazer a elucidação e a constituição de uma condição mínima para se modificar o que hoje seria visto de um ponto futuro, como um estado primitivo do ser humano, em plena submissão e manipulação.

Outros elementos importantes, aqui não mencionados, mas também pesquisados, foram colocados em um patamar importante, mas não o suficiente para se caracterizar como indispensável para a emancipação do sujeito. Pela objetividade que o trabalho requer, não se fez uma menção pontual a eles. Desse modo, a imaginação, criatividade, experimentação, meditação, raciocínio lógico, criticidade, espírito investigativo, virtude, espiritualidade e o agir comunicativo foram os escolhidos. Agora, se ultimou pela sua separação em quatro grupos distintos, definidos por similaridade e conteúdos que se completam, quando se estabeleceram os quatro constructos que formam uma pirâmide do que esta pesquisa denominou de a Potência do Humano.

A figura 1 apresenta abaixo a Potência do Humano estruturada, em decorrência do que se apurou, nesta pesquisa, a partir das principais deficiências em termos de aptidões cognitivas e ativas, dentro do atual estágio evolucionário do ser humano, chegando-se a esses dez elementos balizadores. Com base a partir dos pontos frágeis, buscou-se as alternativas para reverter esse quadro e, assim, juntando-se cada uma delas em características e alicerces similares, chegou-se aos quatro fundamentos (constructos) daquilo que forneceria as competências elementares para potencializar o ser humano para um desenvolvimento mais acurado, mas, sobretudo, para lhe dar a sustentação necessária para uma vida de qualidade e com cidadania mais próxima possível da plenitude. Projetou-se para que cada constructo (cada um dos quatro pilares



da Potência do Humano) tivesse os elementos mínimos para se alcançar a independência cognitiva e desenvolver habilidades e competências para viver e conviver, competindo

com todas as demais forças existentes, algumas de domínio somente de uma pequena parcela da humanidade.



**Figura 1.** Potência do Humano com seus construtos na base da pirâmide.

Fonte: elaborada pelo autor (2018).

Assim, esta pesquisa se aprofundou nesse estudo, sob essa estrita condição a ser desenvolvida e incorporada no ser humano, muito embora se reconheça que o tema é complexo e nitidamente merecerá críticas e aperfeiçoamentos, numa espiral sem fim, rumo ao que seria um estágio de potencialidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na apresentação já foi visto o quadro dramático da desigualdade e da pobreza que não somente impera, mas que se repete e com acentuação crescente da sua gravidade. Na sequência, aprofundou-se sobre a motivação que levou a realização desta pesquisa, onde se ratificou a situação que já começou a ser descrita, desde a apresentação. Já na metodologia e

elementos pesquisados, além de se expor a forma de condução da pesquisa, obteve-se a conceituação através das mais diversas fundamentações sobre os elementos essenciais à libertação do sujeito. Com isso, chegou-se a uma estruturação de uma Potência do Humano, que pretende oferecer os elementos emancipadores.

Obviamente, mesmo se apresentando como questões capitais, esses subsídios que constituem as circunstâncias para se potencializar o humano em condições mínimas de viver e conviver com uma dignidade cidadã mínima, mas real, e talvez com uma desigualdade social e econômica amenizada, sempre poderá ser alvo de questionamentos e debates. Aliás, quanto mais isso acontecer, muito melhor para seu aprimoramento, regra, aliás valorada para

toda e qualquer situação que envolve não só o ser humano, mas a própria vida, predicado que alicerça e constitui a filosofia como elemento impulsionador.

Cabe, outrossim, salientar-se a necessidade de se manter um direcionamento determinado e forte numa direção, ou seja, criar-se e manter-se um foco, pois nenhuma outra estratégia produz tanto e melhor do que a existência de um cerne de todas as atenções e ações. Isso não pode ser um motivo para que não se discuta qual realmente é a Potência do Humano necessária, trata-se apenas de uma cautela para que algum excesso de entusiasmo, ou qualquer outro motivo, possa dispersar o necessário caminho para o cerne da questão, mantendo-se uma linha determinada e vigorosa.

Seja como for, a questão pontual da desigualdade, se não for tratada a tempo, trará consequências danosas e até inimagináveis para a humanidade. Exatamente por isso, todos os constructos da Potência do Humano estão estruturados fortemente com elementos da virtude, de forma a qualificar e dar excelência à cognição humana para que seus atos possam levar a humanidade para um padrão existencial melhor. Porém, tudo isso é apenas uma proposta, e infinitas outras poderiam se apresentarem para o desenvolvimento da questão, por parte dos mais diversos especialistas espalhados pelo mundo. Tudo isso é o que esta pesquisa explorou, mas há que se salientar sobre os danos da atual desigualdade social e econômica, sem mesmo considerar seu inequívoco avanço, os quais, desde já, é possível visualizar como aterradores.

Outrossim, a evidência da complexidade do tema e a possibilidade de opiniões distintas é um fato amplamente coerente com o contexto, abarcando todos os cenários possíveis, tendo em vista que tudo que se tem produzido para amenizar ou eliminar as desigualdades sociais e econômicas, são ou foram propostas diferentes

da Potência do Humano. Porém, nenhuma delas se mostraram efetivas, prova do seu contínuo crescimento. Assim, a Potência do Humano é uma nova proposta, e diferente das demais, voltada totalmente para o cerne da questão – o íntimo do ser. Porém, exatamente por ser nova, obviamente suscitará críticas. Contudo, as análises, fundamentações e conclusões neste trabalho, formam uma base consolidada de argumentos que estão prontas para o debate.

Certamente há outros caminhos, outras fórmulas, porém, elas devem emergir para a realidade e se apresentarem, de forma a se candidatarem a promover essa revolução cognitiva libertadora e formadora de uma cidadania verdadeira.

## REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Abelardo, P. *Lógica para principiantes*. 2. ed. São Paulo: UNESP.
- Aquino, S. T. (2012). *As virtudes morais: questões disputadas sobre a virtude*. Campinas: Ecclesiae.
- Aristóteles (2010). *Sobre a alma*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Aristóteles (2015). *Da Alma (De Anima)*. (C. H. Gomes, Trad.) Lisboa: Edições 70.
- Audi, R. (2006). *Dicionário de filosofia de Cambridge*. São Paulo: Paulus.
- Barbosa, L. (2003). *Igualdade e meritocracia: a ética dos desempenhos nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: FGV.
- Brasil (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: arte. 1ª a 4ª série*. Brasília: MEC/SEF.

- Cabral, L. C., & Nunes, M. C. de A. (2013). *Raciocínio lógico passo a passo*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Caponi, S. (2004). A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2), 445-455. Recuperado de [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=%2Fmedia%2Fassets%2Fcsc%2Fv9n2%2F20398.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=%2Fmedia%2Fassets%2Fcsc%2Fv9n2%2F20398.pdf)
- Deleuze, G. (1974). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Devechi, C. P. V., & Trevisan, A. L. (2010). Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? *Revista Brasileira de Educação*, 15 (43), 148-161. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a10v15n43.pdf>
- Frege, G. (2009). *Lógica e filosofia da linguagem*. (7a ed.). São Paulo: Edusp.
- Freire, P. (1977). *Educação como prática da liberdade*. (7a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2010). *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gleiser, M. (2014). *A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentido*. Rio de Janeiro: Record.
- Goleman, D. (1997). *A Mente Meditativa*. (4a ed.). São Paulo: Editora Ática.
- Goswami, A. (2013). *Criatividade para o século XXI*. São Paulo: Goya.
- Habermas, J. (1989). *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Heisenberg, W. (1999). *Física e filosofia* (4a ed.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Herrán Gascón, A. (2018). *Fundamentos para una pedagogía del saber y del no saber*. São Paulo: Edições Hipótese.
- Hume, D. (1988). *Tratado da Natureza Humana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kant, I. (2007). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I. (2013). *Metafísica dos costumes*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- Keinert, M. C. (2006). *Crítica e autonomia em Kant: a forma legislativa entre determinação e reflexão* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil.
- Koenig, H. (1998). *Handbook of Religion and Mental Health*. New York: Academic Press.
- Maturana, H. R. Biology of language: epistemology of reality. In: Magro, C., Graciano, M. & N. Vaz (1997). *Humberto Maturana: Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Merlin, N. (2017, 15 mar). Colonización de la subjetividad: las neurociencias [Blog]. Recuperado de: <http://www.lateclaene.com/nora-merlin-cil9>

- Nietzsche, F. W. (2012). *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Orbe, F. B., Pagni, P. A. & Gelamo, R. P. (2013). Educación, experiencia y pedagogía biopolítica. Por un diagnóstico de nuestro presente educacional. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE*, 20, 87-106. Recuperado de: <http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/9666/7123>
- Oxfam Brasil (2017, 13 jan.). 8 homens têm mesma riqueza que metade mais pobre do mundo [Blog]. Recuperado de <https://www.oxfam.org.br/noticias/8-homens-tem-mesma-riqueza-que-metade-mais-pobre-do-mundo>
- Prestes, N. H. (1997). Metafísica da subjetividade na educação: as dificuldades do desvencilhamento. *Educação & Realidade*, 22(1), 81,84. Recuperado de: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71465/40541>
- Rios, E. R. G., Franchi, K. M. B., Silva, R. M., Amorim, R. F., & Costa, N. C. (2007). Senso comum, ciência e filosofia - elo dos saberes necessários à promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(2), 501-509. Recuperado de: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2007.v12n2/501-509/pt>
- Sanchez, L. B. (2005). Lipman e o ensino de uma filosofia ideal. *Aprender – caderno de filosofia e psicologia da educação*, 3(4), 29-48. Recuperado de: [http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3808/pdf\\_135](http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3808/pdf_135)
- Sanchis, I. (2017, outubro 24). 'A base de um cérebro saudável é a bondade, e pode-se treinar isso' – Richard J. Davidson. *Grande Arte*. Recuperado de: <https://www.agrandeartedeserfeliz.com/a-base-de-um-cerebro-saudavel-e-a-bondade-e-pode-se-treinar-isso-richard-j-davidson/>
- Schelles, S (2008). A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações. *Revista Esfera*, 1, 1-8. Recuperado de: [http://www.fsma.edu.br/esfera/Artigos/Artigo\\_Suraia.pdf](http://www.fsma.edu.br/esfera/Artigos/Artigo_Suraia.pdf)
- Schopenhauer, A. (2005). *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: Edunesp.
- Vilela, D. S. & Dorta, D. (2010). O que é “desenvolver o raciocínio lógico”? Considerações a partir do livro Alice no país das maravilhas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 91(229), 634-651. Recuperado de: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/634/614>
- Zatti, V. (2007). *Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

## Endnotes

1 Este artigo foi constituído por excertos do projeto de tese do autor.

2 Contato: <crsabbi@gmail.com>.

3 Uma definição atual sobre a meritocracia pode ser concebida como predomínio numa sociedade, organização, grupo, ocupação, etc., daqueles que têm mais méritos. Dentro de uma visão mercantilista e de um mercado de alta competitividade, mérito significa a obtenção de resultados desejados.

4 Independentemente do seu caráter moral ou legal.

5 O físico indiano, Amit Goswami, estudou na Universidade de Calcutá, estabelecendo-se nos Estados Unidos no final dos anos 90 do século 20, sendo professor na Universidade de Oregon há trinta anos. O autor é conhecido por suas teorias sobre a física quântica em que ele apresenta temas espirituais extraídos de várias correntes filosóficas, do platonismo a Advaita Vedanta. Após a sua aposentadoria em ensinar em 2003, Goswami foi nomeado como ativista quântico e publicou numerosos livros sobre a conexão entre ciência e espiritualidade, além de ser um orador regular em vários eventos (<http://www.lecturealia.com/autor/21951/amit-goswami>, recuperado em 21 de março, 2018).

6 O conhecimento tácito, também conhecido como conhecimento inconsciente, diz respeito ao conhecimento adquirido por meio das experiências e tentativas. O conhecimento tácito é desenvolvido por meio da intuição, da observação e da prática. Por não ser um tipo de conhecimento fácil de ser formalizado e explicado, geralmente é retransmitido pelo convívio cotidiano e pelo contato com o conhecedor, sendo considerado o diferencial da pessoa. Faz parte do conhecimento tácito: a visão de mundo, os insights, a intuição, a consciência e os aprendizados associados às experiências de vida. Na maior parte das vezes, este conhecimento é tão interiorizado e enraizado que se torna um padrão de comportamento inconsciente <http://www.sbie.com.br/blog/o-que-e-conhecimento-tacito-e-explicito-qual-o-papel-das-emocoes-nesse-processo/>, recuperado em 9 de março, 2018).

7 A palavra “explícito” também vem do latim, e significa “formal”, “explicado” e “declarado”. O conhecimento explícito é facilmente comunicado e entendido por meio de palavras, imagens, gráficos e metodologias. Este é um tipo de conhecimento baseado na racionalidade, é regrado, claro, teórico e pode ser aprendido por meio de textos, livros, apostilas e aulas (<http://www.sbie.com.br/blog/o-que-e-conhecimento-tacito-e-explicito-qual-o-papel-das-emocoes-nesse-processo/>, recuperado em 9 de março, 2018).

8 Sandra Caponi pertence ao departamento de saúde pública da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis.

9 Trata-se da competência que determinado ser vivo possui de sentir sensações e sentimentos de modo lúcido, isto é, consciente.

10 Swami Chinmayananda: é um santo da Índia que trouxe um renascimento espiritual em todo o mundo. Inspirado por Mãe Ganga, ele escolheu descer às planícies e compartilhar o que ganhou. Algumas de suas principais obras estão disponíveis para aquisição (<https://www.amazon.com/Swami-Chinmayananda/e/B0034QJHVU>, recuperado em 17 de março, 2018).

11 Richard Davidson, PhD em neuropsicologia e pesquisador na área de neurociência afetiva, nasceu em Nova Iorque e mora em Madison, Wisconsin (EUA), onde é professor de psicologia e psiquiatria na universidade. Foi o autor da célebre declaração de que: “A política deve basear-se naquilo que nos une. Só assim poderemos reduzir o sofrimento no mundo. Acredito na gentileza, na ternura e na bondade, mas temos que nos treinar nisso” (Sanchis, 2017).

12 Quatro apontamentos importantes sobre a lógica: “1. A Lógica é uma ciência [grifo do autor], isto é, um sistema de conhecimentos certos, fundados em princípios universais. Nisto, a Lógica filosófica difere da Lógica espontânea ou empírica, como o que é perfeito difere do imperfeito. Porque a Lógica natural não é mais do que uma aptidão inata do espírito para usar corretamente as faculdades intelectuais, mas sem ser capaz de justificar racionalmente, recorrendo aos princípios universais, as regras do pensamento correto; 2. Ciência das leis ideais do pensamento [grifo do autor], a Lógica pertence por isto à filosofia normativa, porque não tem por fim definir o que é, mas o que deve ser, a saber, o que devem ser as operações intelectuais para satisfazer às exigências de um pensamento correto. Ela estabelece as condições, não de existência, mas de legitimidade; 3. A lógica é também uma arte [grifo do autor], isto é, um método que permite bem fazer uma obra segundo certas regras. A Lógica, de fato, ao mesmo tempo em que define as leis ideais do pensamento, estabelece as regras do pensamento correto, cujo conjunto constitui uma arte de pensar. E como o raciocínio é a operação intelectual que implica todas as outras operações do espírito, define-se muitas vezes a lógica como a ciência do raciocínio correto; e 4. A Lógica tem por fim a procura e a demonstração da verdade [grifo do autor], porque a procura e a demonstração da verdade são o fim da inteligência e, por conseguinte, da Lógica, enquanto define as condições de validade das operações do espírito” ([http://vejamaislogica.blogspot.com.br/p/curso-de-filosofia-regis-jolivet-logica\\_9455.html](http://vejamaislogica.blogspot.com.br/p/curso-de-filosofia-regis-jolivet-logica_9455.html), recuperado em 8 de junho, 2017).

13 É doutor (2007) em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor de História da Filosofia Moderna II do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Cf. o Currículo Lattes do autor (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4794310Y8>, recuperado em 15 de maio, 2018).

14 Heteronomia é a sujeição a uma lei exterior ou à vontade de outrem; ausência de autonomia.

15 Trata-se do movimento filosófico setecentista, o qual detém um caráter racionalista e cientificista, o qual também se conhece por Iluminismo.